

Brasil reúne comitê da dívida

REGIS NESTROVSKI
Especial para o Estado

NOVA YORK — O Brasil entrou com um pedido para uma reunião extraordinária hoje com o comitê de assessoramento da dívida externa brasileira. A informação foi divulgada no final da tarde por um banqueiro que participará da reunião, mas que pediu para não ser identificado.

A reunião não estava prevista já que o Brasil continua pagando em dia os juros de sua dívida externa e tudo indica que o secretário para Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, irá comunicar ao comitê chefiado por

William R. Rhodes, do Citibank, os pontos do Plano Verão a ser anunciado em Brasília nas próximas horas. Os boatos se repetem, em Nova York, como há três anos, durante o lançamento do Plano Cruzado e muitos banqueiros temem, por motivos políticos, uma moratória por parte de Brasília, que todos consideram sem necessidade.

Consultados sobre boatos de que o Brasil teria retirado os depósitos de todos os bancos estrangeiros e colocado-os no Banco de Compensação Internacional (BIS) na Basiléia, o banqueiro não soube confirmar a medida, mas disse apenas: "Seria um erro ou uma repeti-

ção do erro de há dois anos. O Brasil tem dinheiro em caixa e só por motivos políticos faria um erro de não pagar mais juros. Além do mais o BIS não paga nem metade dos juros que pagamos nos EUA e, assim, o País, como no Plano Cruzado, perderia US\$ 2 bilhões com uma medida dessa ordem".

Em Washington, o correspondente Moisés Rabinovici conversou com o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, que informou que a reunião com os bancos credores, hoje, em Nova York, não terá por objetivo a reabertura do pacote fechado no ano passado, nem o exame de uma limitação do pagamento de juros.

Extra
"O Plano Verão vai exigir alguns ajustes da política monetária", ele acrescentou, sem querer entrar em detalhes. Como exemplo de um dos ajustes, ele mencionou apenas a "velocidade de relending", ou dos reempréstimos.

Um banqueiro do comitê de bancos, também consultado em Nova York, afirmou: "Lembro que o governo brasileiro nos prometeu que qualquer modificação que pretendesse, como no capítulo dos reempréstimos e da conversão da dívida, ela seria feita dentro do contexto de um novo pacote que, por seu lado, seria mais flexível".